


# Vernácula e de Contexto: Contribuições de Dora Alcântara para um estudo tipológico em Petrópolis

**COSTA, Daniella**

Doutora em arquitetura e urbanismo; DPUR/FAU/UFRJ

daniella.martins@fau.ufrj.br

**Morgado, Daniela**

Aluna de graduação em arquitetura e urbanismo; EAU/UFF

danielaquireza98@gmail.com

EIXO TEMÁTICO 2: ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

REALIZAÇÃO

A cidade de Petrópolis, localizada no estado do Rio de Janeiro, constitui patrimônio histórico e artístico nacional, por estar vinculada, como nenhuma outra, ao período imperial brasileiro e a tantos fatos memoráveis da história política do país (IPHAN, processo nº 0662-T-62, p.272 vol.I). É, assim, que a arquiteta carioca Dora Alcântara[1] contextualiza a importância da pequena cidade da região serrana do Rio de Janeiro. Como muitos dos seus escritos nos contam, Dora é figura essencial para uma mudança na forma como definimos patrimônio material e seu valor.

O objetivo principal deste trabalho, parte do projeto de pesquisa *'#Elasfazempatrimôniocultural: os escritos de Dora Alcântara sobre preservação do patrimônio cultural'*, é trazer à luz textos pouco conhecidos, produzidos por esta arquiteta, com uma vida dedicada a proteção do patrimônio cultural brasileiro. Nos interessa especialmente compartilhar um primeiro estudo tipológico feito durante as análises para a extensão do tombamento de Petrópolis, cidade cujo processo de preservação pode ser considerado o início de uma mudança na forma oficial de preservar sítios históricos no Brasil.

Em 1980, diante de pedidos dos moradores de Petrópolis, o então diretor do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), Aloísio Magalhães, designa comissão para estudar a expansão do tombamento da cidade. Dora Alcântara se junta aos arquitetos Alcides da Rocha Miranda, Alfredo Luiz Porto, Eurico Cavalcante e, posteriormente, a socióloga Ana Maria Amorim para início dos estudos.

O IPHAN já havia reconhecido valor no acervo da cidade e promoveu uma série de tombamentos individuais entre os anos 30 e 40, com bens inscritos nos livros do tombo de Belas Artes e Histórico. Mas, como nos conta o geógrafo Rafael Ribeiro (2007, p.91) na década de 1960 a instituição amplia os critérios de análise de valor que passa "da ideia de monumentalidade e integridade arquitetônica" para "conjuntos modestos e triviais, associados sobretudo a história da formação do território brasileiro" (IDEM).

A prova desta mudança está refletida na valorização da arquitetura, que poderíamos descrever como vernácula, mas que Dora chama de contextual, porque inserida no contexto da paisagem

[1] Arquiteta nascida no Rio de Janeiro, em 1931, foi professora da UFRJ, UFF entre outras. colaborou com a Diretoria de patrimônio histórico, DPHAN, entre 1958 e 1968, em períodos intermitentes. Posteriormente, em 1975, ingressa no então Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, onde assume a Coordenadoria de Proteção em 1987, e mais tarde a Coordenadoria Geral de Preservação de Bens Culturais e Naturais, entre 1987 e 1991.

local, “constitui parte significativa da leitura que claramente o conjunto oferece sobre a história e a sociedade locais.” (ALCÂNTARA, 1980, p.2).

> Petrópolis não é como as cidades do ciclo do ouro, paradas no tempo e limitadas no espaço físico. Ela vive e se renova com rapidez espantosa. Petrópolis nasce após a Independência, com outras raízes e sincretismos equilibrados por saudáveis tradições”. (ALCÂNTARA, 1980, p.1).

Ainda em 1980, Dora Alcântara, organiza as conclusões da comissão de estudos sobre Petrópolis para a apresentação em um seminário de História da Arte[2]. O documento, é um pequeno relatório composto por duas partes, onde primeiramente se apresentam as considerações da comissão sobre o caráter da cidade que embasaram a nova proposta de extensão de tombamento.

Na segunda parte, intitulada “Petrópolis Arquitetura Contextual”, Dora Alcântara apresenta os aspectos desta arquitetura que caracteriza importantes conjuntos da cidade e contribui na compreensão do valor do conjunto arquitetônico e paisagístico e sua preservação.

> Foram também escolhidos aqueles [conjuntos] cuja **arquitetura fosse composta por elementos que não se destacassem, individualmente, mas que, ao contrário, chamassem a atenção por uma repetição de temas com variações, os quais, por sua frequência, ficassem visualmente associados à paisagem petropolitana, ao seu contexto**. São tipos que se encontram em várias cidades brasileiras, onde talvez tenham sido mais numerosos do que a presente; em Petrópolis ainda o são e parecem articular-se entre si de maneira harmoniosa. (ALCÂNTARA, 1980. p.1-grifo nosso)

O material produzido por ela, vai além da construção teórica que reafirma o valor dos conjuntos urbanos propostos para tombamento, mas tem valor documental. É um primeiro estudo tipológico ilustrado do que seria esta arquitetura contextual, ou vernácula, petropolitana. Este conjunto que conta, ainda hoje, acerca da história e da sociedade local (IPHAN, 1980, p.2).

> A preservação aparece, com especial ênfase neste caso, como instrumento integrado ao desenvolvimento urbano, cujos conjuntos arquitetônicos e ambientais devem ser por ela particularmente beneficiados, tendo em vista o valor que representam para a sociedade local. O ato de preservar deve ser aqui entendido, portanto, como ato gerador de animação urbana, na medida em que revitaliza, incentivando novos usos, e de salvaguarda de importante documentário da história brasileira e local, expresso através do espaço urbano e seu agenciamento. (IPHAN, processo nº 0662-T-62, p.289 vol.I)

[2] O Folheto intitulado “Petrópolis Arquitetura Contextual: Considerações sobre o caráter peculiar de Petrópolis.” Traz apenas a seguinte referência sobre o congresso “A série de Considerações sobre o caráter peculiar de Petrópolis, apresentada por esta comissão, sintetiza o pensamento que estava na origem da proposta de preservação que se fez, como conclusão destes estudos. Parecia interessante trazê-la a esta sessão do II Congresso de História da Arte como informação sobre Petrópolis” (ALCÂNTARA, 1980 p.02 – grifo nosso). A biblioteca não tem informações sobre a data exata, ou lugar de realização do seminário.

Em 2017, o arquiteto e professor da UFRN Rubenilson Teixera, em busca de uma definição para o termo arquitetura vernácula, afirma que seu principal atributo é sua permanência no tempo, e a presença da tradição em sua forma de fazer. O material produzido por Dora Alcântara contribui para que esta arquitetura contextual, fruto da contribuição e do saber fazer imigrante, fosse entendida como parte da tradição construtiva da cidade. Hoje ainda preservada, graças ao reconhecimento do seu valor para a formação caráter da cidade.

**Referência Bibliográfica**

ALCÂNTARA, Dora. **Petrópolis**. In. Boletim do SPHAN. Rio de Janeiro: SPHAN. n˚ 6, 1980.

ALCÂNTARA, Dora M. S. **Petrópolis arquitetura contextual: Considerações sobre o caráter peculiar de Petrópolis.** Rio de Janeiro: IPHAN, 1980. (folheto disponível na Biblioteca Paulo Santos nº F-202).

RIBEIRO, Rafael W. **Paisagem Cultural e Patrimônio**. Rio de janeiro: IPHAN/COPEDOC,2007.

TEIXEIRA, Rubenilson B.. **Arquitetura vernacular: Em busca de uma definição**. Arquitextos, São Paulo, ano 17, n. 201.01, Vitruvius, fev. 2017. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/17.201/6431>.

**Processos Consultados**

IPHAN, processo número 0662-T-62. Fonte: Arquivo Central do IPHAN